

## O DEPOIMENTO DE TIBAKOU:

### AS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE UM INDIO SURUI

RENATO DA SILVA QUEIROZ

Foi durante minha breve permanência entre os índios Suruí que conheci Tibakou, excelente informante, a quem devo boa parte do material que recolhi sobre estes Tupi do Pará (1). Talvez tenha tido seu nome algumas vezes sob meus olhos quando das leituras que fiz sobre este grupo indígena, preparando ainda o roteiro do futuro trabalho de campo (2). Mas foi em Marabá, antes de seguir para a aldeia, num diálogo com o Sr. Bispo desta cidade, que passei a me interessar por Tibakou. Procurei gravar este nome, pois soube então tratar-se de um índio "civilizado, habituado à vida dos centros urbanos".

Chegando à aldeia, Tibakou foi um dos primeiros a me receber e, a partir deste dia, nosso convívio tornou-se cada vez mais íntimo. Caminhadas, pequenas caçadas, as refeições que geralmente fazia em sua casa, conversas noturnas e diversas outras ocasiões proporcionaram-me inúmeras oportunidades para conhecê-lo em suas relações com a família, com o grupo, com os "kamará" (3). Jamais se aventurava em longas andanças pela mata; afirmou várias vezes que gostaria de possuir cabelos crespos; não tomou parte das danças tradicionais observadas por mim, embora tivesse participado, com entusiasmo, de um baile, no estilo regional, ao som de boleros e carimbó (4), que se realizou certa noite na aldeia.

Tibakou trabalhava, na ocasião, junto ao Posto da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) como auxiliar do encarregado, recebendo a quantia de Cr\$ 350,00 mensais, permanecendo portanto sempre na aldeia, enquanto todos os outros homens se diri-

(1) Os Suruí, índios Tupi da região do Médio Tocantins, no Estado do Pará, são também conhecidos por Mudjêktire (ver Vidal, 1972 : 29). Foram pacificados na década de 50, estabelecendo contatos permanentes com a sociedade regional somente a partir de 1961. Atualmente, são cerca de 66 pessoas vivendo numa única aldeia na qual estivemos durante um mês, no princípio de 1975, cumprindo a primeira etapa de uma pesquisa antropológica mais ampla, ainda em andamento.

(2) Ver, sobre os Suruí: Laraia, 1963, 1965, 1967a, 1967b, 1972, a 1972b.

(3) O termo «kamará» é empregado pelos Suruí para designar os «brancos», «cristãos», «civilizados», isto é, todos os que não são índios.

(4) Carimbó é o nome de uma música rítmica do Pará, onde é muito dançada.

glam para a mata, durante a safra da castanha (5). Em casa, as conversas com sua mulher e filhos desenvolviam-se geralmente em português, mesmo na presença (bastante rara) de outros índios. Estes diziam que Tibakou necessitava do auxílio "estimulante" da esposa para plantar roça, quando o fazia (6), e observei ainda que Arekachou e Assai, dois de seus "parentes", abasteciam freqüentemente sua cozinha com caça e frutos da mata.

O próprio Tibakou confessou-me que já tentara transferir-se para outro Posto Indígena, o dos Akuáwa-Asurini, devido aos seus desentendimentos com o restante do grupo e que, não o tendo conseguido, planejava estabelecer-se com mulher e filhos num ponto isolado do território tribal, vivendo do cultivo da terra, distante do "povo aqui do mato". Discorria longamente sobre suas experiências na "civilização", mas parecia ter nítida consciência de que não reunia condições para se fixar novamente em um centro urbano, o que o tornava muito amargurado.

Por outro lado, nas discussões a respeito da disputa pelo território indígena, este cada vez mais ameaçado pelas investidas gananciosas por parte dos regionais proprietários de fazendas nas imediações, identificou-se sempre com seu grupo, dizendo-se índio, opondo-se aos "kamará". Contou-me também que certa ocasião, em São Paulo, tendo sido tomado por japonês, pois conversava com sua esposa no dialeto tupi de sua gente, contestou enfaticamente tal identificação, afirmando ser índio e não japonês.

Diante destes e outros fatos eu não conseguia afastar da memória as leituras do livro clássico de Stonequist, dos artigos de Herbert Baldus e Florestan Fernandes sobre o bororo Tiago Marques Alpbureau, nem o de Larala sobre Sarakou (7). Decidi então, visando recolher o relato das experiências de um índio, acreditando tratar-se igualmente de um "homem marginal", gravar o depoimento pessoal de Tibakou. Gravei-o, efetivamente, ao longo de duas noites; transcrevendo-o, posteriormente, optei por publicá-lo com o mínimo de comentários, incluindo apenas os que julguei necessários, a título de esclarecimentos. Procurei manter-me fiel à linguagem usada por Tibakou, seus termos, suas expressões, sua pronúncia. Cortei partes do depoimento, mas só as que, a meu ver, não apresentavam interesse para o presente artigo, tomando, porém, o devido cuidado para que estes cortes não introduzissem deformações ao nível da coerência do material recolhido. Penso ser desnecessário, por fim, estender-me em longas considerações sobre a possível "subjetividade" do depoimento, as "racionalizações" de quem o prestou e outras questões desta natureza. Passo agora a palavra ao Suruí Tibakou ou, conforme quiseram os cristãos, ao Sr. Egidio José Maria:

"Eu sai daqui da aldeia foi porque eu perdi meu pai e minha mãe. Meu pai morreu primeiro, depois fiquei com minha mãe e o Assai se ajuntô com ela. Depois minha mãe morreu e eu fiquei junto com meus irmão (8). Ai o padre começou a trabalhá na aldeia, viu que não tinha ninguém pra cuidá de mim e me carregô pra Concelção do Araguaia, no rio Tocantins, no Pará.

(5) Os Suruí, atualmente, trabalham alguns meses do ano (geralmente de dezembro a maio) na coleta da castanha, dispersando-se pelo território tribal durante este período. Sobre a castanha do Pará (ver Silva, 1973 e Larala, 1967b).

(6) Antigamente o trabalho na roça exigia a cooperação entre os dois sexos. Hoje, segundo informações que obtivemos de vários informantes, apenas os homens se ocupam da roça, desde a derrubada da mata, limpeza do terreno, passando pelo plantio, até a fase final da colheita do produto.

(7) Ver Stonequist (1948), Baldus (1937), Fernandes (1960) e Larala (1967a).

(8) Os pais de Tibakou faleceram, muito provavelmente, devido às epidemias de gripe e outras moléstias que ceifaram a vida de muitos Suruí logo após o início dos contatos permanentes com os «civilizados».

Fiquei uns tempo lá em Conceição do Araguaia; eu saí daqui era muito doente, porque não tinha ninguém pra cuidá de mim. Fiquei uns tempo lá, aprendendo, aprendendo a escrevê o meu nome, num seminário dos padre que tinha lá. Parece que eu fiquei uns dois meis, treis meis lá; depóis não gostei de lá não, o movimento lá era ruim, chato pra mim. Eu não entendia nada o que os povo falava pra mim, não sabia nadinha. Cheguei lá no colégio o padre falô pra mim ficá à vontade, que não precisava tê medo dos outro. Eu ficava desconfiado, os outro ficava gozando da minha cara e eu quietinho, não sabia de nada não. Não brigava não, não fazia nadinha com ninguém, ficava só brincando; tinha dia que o padre me dava explicação pra mim aprendê a escrevê o meu nome. Fiquei... Chegô a época que eu não gostei de ficá em Conceição do Araguaia e eu pedi pro frei Gil (9) pra vê se ele conseguia arrumá outro lugar pra mim ficá.

(...) Fui embora pra São Paulo; fiquei num colégio dos padre lá em Perdizes, tomando remédio primeiro. Tinha medo do civilizado, do branco, porque eu não sabia falá, não entendia o que os outro falava pra mim e eu ficava com medo. Se as mulher me chamava pra perguntá alguma coisa pra mim eu tinha medo. Quando eu cheguei em São Paulo me levaram pra um hospital e lá o Dr. João Paulo (10) me examinô tudo e achô que eu precisava tomá remédio. Estranhei um bocado de coisa lá em São Paulo, muito frio, eu não gostei; muita gente... Mas depóis foi indo, foi indo, eu acostumei, depóis que eu cheguei no colégio lá em Poá, num orfanato que chamava, pras crianças que não tinha pai nem mãe (11). O frei Gil foi pra lá sozinho; depóis ele veio e falô comigo que tinha conseguido um lugar pra mim ficá. Ele falô pra mim que era pra mim ir pra lá; me levô n'outro dia cedo.

Primeiro ele foi me apresentá prum padre lá que era o diretor; gostaram muito de mim. Me apresentaram assim: em cada classe eu entrei, não sabia falá nadinha. Aí o frei Gil falô pra mim assim:

— Não precisa ficar acanhado não, fale. O que os outros perguntarem para você, você também pode falar com eles.

Eu já sabia assiná um pouquinho o meu nome; aí ele mandô pra mim escrevê o meu nome no quadro, lá na classe. Todo mundo ficava gritando, o frei Gil falava que era um índio que ia ficá no colégio. Fiquei quatro ano nos colégio (12). Aí eu comecei a pegá prática, a falá o portugueses. Lá no colégio eu fiquei estudando, estudava e trabalhava também. Dia de semana assim a gente catava papel, o padre mandava limpá em volta da casa. Tinha dia que eu ia brincá, jogá bola. Era só isso, dia de semana era só na escola memo.

(9) Trata-se de frei Gil Gomes, padre dominicano, responsável pela pacificação dos Suruí.

(10) Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho, da Faculdade Paulista de Medicina, que vem prestando assistência médica aos Suruí, Gaviões e Xikrin, bem como realizando pesquisas sobre estes grupos.

(11) Este colégio é o «Reino da Garotada», de Poá, da Fundação Pe. Simon Switzar, cujo objetivo é o de «amparar e educar crianças órfãs e desvalidas».

(12) Segundo a ficha de Tibakou no colégio, sua admissão ocorreu em 2-3-1963; sua saída em 26-3-67. Tibakou deve ter hoje 25 anos. Em 1963, quando chegou ao colégio, deveria estar com 12.

Nem pensava de vim pra cá (aldeia). Logo depois minha mãe morreu, eu não sentia mais saudade de ninguém. Tinha cinco irmão aqui na aldeia, também não pensava nisso, tava lá brincando, tudo... Quando eu cheguei em Poá eu fiquei estranhando muito foi por causa dos menino. Chegô a hora do recreio, eu tava sentado numa sala escutando os padre conversá, mas não sabia o que eles tava falando de mim. Aí os menino gritaram:

— Chama o índio aí, padre Simão, nós queremos vê ele.

Aí o frei Gil falou:

— Vai lá, vai brincar com os meninos, não precisa ficar com medo não.

Tá bem, eu fui lá. Tinha um bocado de menino lá e falou:

— Senta aí, índio, vamo conversá.

Sentei lá de besteira feito um bobão, não sabia o que os menino tava falando pra mim. Tinha um deles que chamava Ivan. Ele falou:

— Senta aí.

Eles começaram a batucá numa lata velha e falaram:

— Nós vamo cantá índio pra ele, vão bora.

Aí que eu fiquei com medo dos menino. Eu fiquei bem no meio da roda. Aí os menino lá chegô e falou:

— Ei índio, não precisa ficá com medo de nós não, que nós não vamo fazê nadinha contigo não.

Eu fiquei quieto, não falei nada. Aí eu fui embora, eles ficaram brincando, eu não quis brincar com eles, fui embora lá onde tava o frei Gil. Depois fiquei sendo colega deles, peguei conhecimento deles. Até em 66 eu fiquei no colégio. Em 66 eu saí, vim embora pra aldeia. Fiquei dois ano aqui na aldeia primeiro. No fim de 68 eu voltei pra São Paulo.

Eu não me dei bem aqui na aldeia não, eu gostava muito de São Paulo, sentia falta do colégio, porque eu saí do colégio sem avisá ninguém. Fiquei sentindo falta lá do colégio, dos companheirinho, dos coleguinha que eu deixei lá. Estranhei muito, porque fazia muito tempo que eu saí da aldeia, desde pequeno; eu achei muito estranho aqui na aldeia. A linguagem deles também eu tinha esquecido um bocado. Aí eu vi a Tery, não conhecia mais ela (13).

Foi o frei Gil que me trouxe de lá do colégio. Quando o frei Gil me levô pra São Paulo, foi também a Opreme, o Tiremê e a Tery. A Tery ficou em Minas. No mesmo colégio que eu fiquei (em Poá) ficou também o Tiremê e a Opreme. Lá era tudo assim misturado, rapaiz, menina, moça. Antes do dia da Páscoa, o frei Gil chegou no colégio e falou se ele poderia ir buscá nós três pra passá a festinha da Páscoa lá no colégio das freira em São Paulo. Aí o padre que tomava conta do colégio falou pra ele assim:

(13) Teriwery, hoje esposa de Tibakou.

— O Sr. pode levar, o Sr. é funcionário de lá da aldeia, acostumado com eles, pode levar, mas trazendo eles de volta direitinho.

Aí o frei Gil prometeu que trazia de volta. Eu não sabia que era pra mim vim embora. Sei que quando foi noutro dia de manhã cedinho o padre já tava esperando lá na portaria. (...) Chegamo no colégio das freira, em São Paulo, já era mais de 10 horas da manhã. Logo quando nós ia entrando assim no portão do colégio das freira eu perguntel pro frei Gil:

— Frei Gil, onde é essa festa que o Sr. falou que ia tã pra nós?

Ele falou:

— Era aqui.

Eu falei:

— Acho que já terminô.

Quando eu cheguei lá não vi nada!

(...) Chegamo na Rodoviária. Entramo no ônibus pro Rio de Janeiro. Nós não sabia que era pra vim pra aldeia... Viajamo a noite todinha. Aí o meu irmão ficou preocupado de chegá lá no colégio porque já era muito tarde. Nesse dia nós achamo muito estranho porque nós tava viajando demais. Aí o meu irmãozinho falou assim:

— El Tiba, me diga uma coisa, pra onde que nós tamo indo?

Eu falei:

— Eu sei lá, rapalz!

Ele falou:

— Nós tamo demorando pra chegá no colégio. Hora dessa o colégio tá fechado, e como é que nós vamo fazê pra entrá lá?

Nem os povo lá do colégio tava sabendo que nós tava vindo pra cá (aldeia). O meu irmão falou assim:

— Mas rapalz, o que o frei Gil tá fazendo com a gente? Hora dessa os menino tão preocupado por causa de nós.

(...) Os índio vieram encontrá com a gente. Vi uns quatro índio chegando. Não conhecia quem era não. Começaram a trocá a língua, e eu quietinho lá no cantinho e o meu irmão tava com medo porque eles tava falando muito. A gente não sabia, depois de vivê muito tempo em São Paulo a gente já tinha esquecido um bocado de coisa. Aí o meu irmão ficou com medo. Aí eu falei pro meu irmão:

— Rapalz, deixa de sê besta, não fica com medo dos outros não, é da aldeia.

É porque o Mikuá chegô e começô a passá a mão na cabeça dele. Aí que ele ficou com medo, aí o Tiremê chorô. (...) Eu falei pro frei Gil:

— Antes de chegá na aldeia o Sr. me dá os foguetes pra mim soltá.

Nóis soltava foguete pra avisá que era o padre que chegava. Eu falei pro Tiremé:

— Quando chegá lá na aldeia, rapalz, eu não quero nem sabê de batê papo com ninguém, eu quero sabê é de dormi, eu tô cansado, eu vô mais morto do que vivo.

Eu fiquei cansado, fiquei deitado numa palmeira que tinha caído no meio da estrada. O frei Gil vinha atrás montado num cavalo bonito, era branco. Eu tava cansado memo. Quando eu ia chegando na aldeia eu vi uma moça de calça comprida, passô na minha frente. Era a Tery. Eu vi ela de calça comprida bacana. Eu passei cansado na frente dela. Aí ela chegô e falô pro frei Gil:

— Frei Gil, cadê o Tibakou?

Ele falô:

— Olha ele lá, menina, você não está vendo ele ali de chapeuzão de palha não?

Ela voltô e foi agarrá em cima de mim e me abraçô. Aí eu falei:

— Ih! Tá lóco. É hoje!

Quando eu cheguei de São Paulo eu falava só na gíria de lá de São Paulo. Eu falava "mora", porque o Roberto Carlos falava naquele tempo era na gíria só. Os povo daqui da mata não sabe o que que é não, não sabe nada. Sei que eu falava a gíria de lá de São Paulo e os cara ficava olhando pra mim.

Tava morto só de andá e o Mikuá velho sempre me chateando:

— Ei rapalz, levanta, vai lá vê as moça.

Eu falei:

— Que diabo de moça, não quero sabê de moça não! Nem conheço as menina, como é que eu vô conversá com as menina? Aí o frei Gil vai me dá bronca.

O frei Gil não gostava que a gente falava com as moça não, tinha ciúme pra caramba.

Eu comecei a trabalhá na roça. Não gostava muito não, não tinha prática de fazê nadinha. Tinha medo do mato. Até hoje ainda eu tenho medo de me perdê no mato. Eu gosto da mata, pra mim caçá eu gosto, mas eu andando com os outros companheiro. Mas eu sozinho me perco aí no mato.

Nóis ia trazendo um bocado de disco do Roberto Carlos, do Erasmo. Os índio gostava muito dos disco. Ficava a noite todinha tocando os disco na radiola que o frei Gil me deu. A Tery ficava junto comigo escutando o disco até de manhã. Notaram que eu tava gostando da Tery, mas eu não tava gostando dela não. Quando a gente tava no colégio a gente tinha o costume de tirá aquela amizade com as menina, tudo, batê papo. Aí os índio aqui da aldeia acharam que eu tava gostando da Tery. Eu nem tava pensando em negócio de casamento, queria sabê é negócio de estudo, voltá pra São Paulo, queria continuá estudá. Um dia eu fui perguntá pro frei Gil:

— Frei Gil, me diga uma coisa, nós vamos voltar pra São Paulo, pra estudar, continuar o estudo?

Ele falou assim:

— Não, eu acho que não. Eu quero que vocês fiquem na aldeia, não quero que nenhum índio daqui fique espalhado por aí, pra cidade. Eu quero que vocês fiquem aqui agora, tocando a vida.

Eu falei pra ele:

— Mas se eu não tenho costume de trabalhar na roça, como é que eu vou ficar?

Ela falou:

— Você vai aprendendo, aprendendo ofício aí e fica por aí mesmo.

Eu falei:

— Tá bom.

Eu fiquei...

Foi a época que eu casei com a Tery. O frei Gil fez o casamento. Os menino tudinho assistiram, porque era a primeira vez que eles viam um casamento. Eu era batizado (14) e fiz a primeira comunhão em São Paulo. A Tery também era batizada. Eu falei pro frei Gil:

— Frei Gil, mas antes de tudo, eu primeiro tenho que conversar com o irmão dela mais velho, perguntar se eu posso casar com ela. Se ele deixar eu posso casar com ela, mas se ele não deixar também eu fico solteiro, aí eu volto pra São Paulo pra mim estudar.

Tinha uma menina de primeiro que eles prometeram pra mim casar, era menina ainda. Era a Nerona. Mas eu era batizado e o frei Gil disse que eu não podia casar com ela.

Casamos em 67. No fim de 68 o frei Gil falou pra nós que nós podia voltar pra São Paulo, vê minha madrinha. O frei Gil levou nós. Era só pra mim ir passear, mas depois lá o meu padrinho arrumou um emprego pra mim. Nós alugamos uma casinha em Camoviana. Era uma casinha pequena, só de um cômodo, de alvenaria. Fiquei trabalhando numa firma lá em Poá. Aí nós tivemos o primeiro filho, o Alex. Eu não sabia como é que podia dar nome de indígena pra ele... A Ana Paula nasceu em 72, em São Paulo ainda. A Tery tava doídiinha pra vim embora, pra vê os parentes, os irmãos dela. Eu não queria... Eu pedi a conta e vim embora.

(...) Sinto falta demais de São Paulo, mas não tem condições pra mim voltar. Aquel tem muito deles que não gosta de mim, só uns dois ou três que gosta de mim aí, mas o resto é tudo chato comigo. Eu não sei não, eu não posso explicar por que motivo que eles não gosta de mim. Quando eu era rapaz eles gostava muito de mim;

(14) Como já dissemos, Egidio José Maria é o nome de batismo de Tibakou.

depois que me ajuntei (15), fui pra São Paulo, depois voltei de São Paulo aí eu vi que os cara não tava gostando de mim. Eles mesmo fala pouco comigo aí, não gosta memo de falá comigo, fala mais com a mulher, os povo daqui da aldeia. Eles memo fala pra minha mulher que não topa muito com a minha cara nem com a do meu irmão (16), mas não sei pra que que eles faz isso comigo. Agora, eu sei que gosto muito deles, tudinho aqui da aldeia.

O Alex, mais ou menos com oito ano, eu quero deixá ele em São Paulo, na casa da madrinha dele pra estudá e a Ana Paula também. Aí eu acho muito esquisito porque eu não tenho muita prática de fazê serviço da roça e assim eu acho muito esquisito. Eu não tenho muito costume de trabalho de enxada, de machado. Lá em São Paulo eu era acostumado só a trabalhá em firma, trabalhava em marcenaria, tudo, lá eu ganhava meus dinheirinho por meus mas depois, quando eu cheguei aqui, deu tudo zebra.

O negócio das terra aqui tá muito quente, os "kamará" querendo ficá com a terra, mas não sei não. Os índio, nós tamo se batendo pra vê se a gente fica com esse terreno aí pros "kamará" não ficá com as terra. Agora, o mais teimoso que nós temo aí é o ..., que tá telmando com a gente os ponto de castanha, sempre ele tá (17). O ano passado foi a mema coisa, ele ficô aí falando os negócios de terra, que não era nossa, que era dele. Os índio sempre falando que nós vamo deixá ele ficá com o terreno não. Nós tamo esperando só o mapa que o Dr. ... fez, esperá resposta chegá de Brasília. Depois, aí a gente vai sabê como é que vai ficá.

No São Raimundo (18) tem um campo de futebol. Eu gosto muito de brincá de bola e quando tem jogo de futebol eu vô lá pro São Raimundo passeá na casa dos amigo; eles me recebe direitinho. Agora não tem mais nada pra mim contá não".

(15) Larala escreve que «Teruheira (Teriwery) aparece nas genealogias como henryra e Isaacemyra de Tiwakou (Tibakou). O primeiro termo interdita o matrimônio entre ambos, enquanto o segundo o torna possível. Seria bastante interessante para Tiwakou admitir a possibilidade de matrimônio com Teruheira, a filha do morobixawa (chefe) Surui; mas ao ser interrogado sobre isto a repudiou enfaticamente porque Teruheira era sua irmã» (1972b : 69). Em nota de rodapé da mesma página, Larala afirma ainda que «Anos depois, Tiwakou e Teruheira foram levados para São Paulo, onde casaram. Algum tempo depois, procurou um médico para atender a sua filha, em fase adiantada de desidratação. Disse, então, que acreditava que a menina ia morrer porque ele tinha casado com sua henryra».

(16) Tlremé, irmão de Tibakou.

(17) O tereritório dos Surui é muito cobçado, tanto pelo valor das terras, quanto pelos ricos castanhais nelas existentes. Anualmente, quando da safra da castanha, surgem conflitos mais ou menos sérios entre os índios e os fazendeiros das imediações pela disputa e exploração dos castanhais.

(18) São Raimundo é um lugarejo próximo à aldeia.



## BIBLIOGRAFIA

BALDUS, Herbert

- 1937 "O Professor Tiago Marques e o Caçador Alpobureu: a reação de um indivíduo bororo à influência da nossa civilização". in: *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Prefácio de Afonso de E. Taunay, São Paulo, Companhia Editora Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª, Brasileira, vol. 101). p. 163/186.

FERNANDES, Florestan

- 1960 "Tiago Marques Alpobureu: um Bororo Marginal". in: *Mudanças Sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro (Corpo e Alma do Brasil), p. 311/343.

LARAIA, Roque de Barros

- 1963 "Arranjos Poliândricos na Sociedade Suruí". in: *Revista do Museu Paulista*, n.s., vol. XIV, p. 71/75, São Paulo.
- 1965 "A Fricção Interétnica no Médio Tocantins". in: *América Latina*, ano 8, n.º 2, abril-junho, p. 66/76, Rio de Janeiro.
- 1967a "O Homem Marginal numa Sociedade Primitiva". in: *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, vol. IV, n.º 1, janeiro-dezembro, p. 143/157, Rio de Janeiro.
- 1972a "Akuáwa-Asurini e Suruí = análise de dois grupos Tupi". in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, n.º 12, p. 7/30, São Paulo.
- 1972b *Organização Social dos Tupi Contemporâneos*. Tese de doutoramento, mimeografada, Brasília.

LARAIA, Roque de Barros & DA MATTA, Roberto

- 1967b *Índios e Castanheiros* (a empresa extrativa e os índios do Médio Tocantins). São Paulo, Difusão Européia do Livro (Corpo e Alma do Brasil, XXI).

SILVA, Darcy da

- 1973 "A castanha do Pará como fator inicial de desenvolvimento de Marabá: perspectivas atuais". Separata de *Geografia Econômica*, USP, Instituto de Geografia, São Paulo.

STONEQUIST, Everett V.

- 1948 *O Homem Marginal* (estudo de personalidade e conflito cultural). Trad. de Asdrúbal Mendes Gonçalves, São Paulo, Livraria Martins Editora S.A. (Biblioteca de Ciências Sociais, v. VII).

VIDAL, Lux B.

- 1972 *PUT-KAROT*, grupo Indígena do Brasil Central (tese de doutoramento, mimeografada), São Paulo.